

PERCEPÇÕES DE SURDOS DIANTE DA ASSISTÊNCIA À SAÚDE E DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

DEAF PEOPLE'S PERCEPTIONS IN THE FACE OF THE HEALTH CARE AND THE NURSING TEAM

PERCEPCIONES DE SORDOS ANTE LA ASISTENCIA A LA SALUD Y EL EQUIPO DE ENFERMERÍA

Caroline Augusti dos Santos¹
Liciara Daiane Zwan²
Alessandra Frizzo da Silva³
Vivian Lemes Lobo Bittencourt⁴

Como citar este artigo: Santos CA, Zwan LD, Silva AF, Bittencourt VLL. Percepções de surdos diante da assistência à saúde e da equipe de enfermagem. Rev baiana enferm. 2024;38:e55458.

Objetivo: apreender as percepções de surdos quanto à comunicação diante da assistência à saúde. **Método:** pesquisa de abordagem qualitativa, tipo descritiva. Foram entrevistados participantes surdos que frequentam uma Associação de Pais e Amigos dos Surdos no interior do Rio Grande do Sul. Os dados foram transcritos e analisados segundo o método de análise de conteúdo temática. Foi utilizado o *software* Nvivo para organização dos dados. **Resultados:** participantes têm acesso e acolhimento na assistência de saúde diferente das pessoas ouvintes, visto que se comunicam por linguagem visuoespacial. Mencionaram uma interpretação ambígua entre a necessidade da presença da família e a busca de autonomia. **Considerações finais:** a comunicação escrita, apesar de ser mais corriqueira, não é a melhor maneira de fornecer informações. A equipe de saúde pode atentar para o fato que apesar da pessoa surda estar acompanhada, pode ser que, durante a assistência, ela não queira a presença de um terceiro.

Descritores: Surdez. Perda Auditiva. Cuidados de Enfermagem. Assistência Integral à Saúde. Enfermagem.

Objective: to understand the perceptions of deaf people regarding communication in health care. Methodology: qualitative research, typified as descriptive. Deaf participants attending an Association of Parents and Friends of the Deaf People in the countryside of Rio Grande do Sul were interviewed. The data was transcribed and analyzed using the thematic content analysis method. Nvivo software was used to organize the data. Results: participants have different access to and reception of health care than hearing people, since they communicate using visuospatial language. They mentioned an ambiguous interpretation between the need for family presence and the search for autonomy. Final considerations: although written communication is more common, it is not the best way to provide information. The health team should be aware that although the deaf person is accompanied, they may not want a third party to be present during care.

Descriptors: Deafness. Hearing Loss. Nursing Care. Comprehensive Health Care. Nursing.

Autora correspondente: Vivian Lemes Lobo Bittencourt, vivillobo@hotmail.com

¹ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Erechim, RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5305-7631>

² Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Erechim, RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5013-4224>.

³ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Erechim, RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5348-8877>.

⁴ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Erechim, RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1488-0611>.

Objetivo: captar las percepciones de personas sordas con respecto a la comunicación en la asistencia a la salud. Método: investigación cualitativa y descriptiva. Se entrevistó a dos participantes sordos que frecuentaban una Asociación de Padres y Amigos de Sordos en el interior del estado Rio Grande do Sul. Se transcribió y analizó a los datos según el método de análisis de contenido temático. Se utilizó al software Nvivo para organizar a los datos. Resultados: el acceso y acogimiento de los participantes en el servicio de salud es diferente de aquello de las personas sin dificultades auditivas, pues se comunican por medio de un lenguaje visual-espacial. Ellos mencionaron una interpretación ambigua con respecto a la necesidad de la presencia de la familia y la búsqueda de autonomía. Consideraciones finales: la comunicación escrita, aunque sea la más común, no es la mejor manera de transmitir informaciones. El equipo de salud debe tener en cuenta que, mismo que la persona sorda tenga alguien con ella, es posible que no quiera un tercero presente en el momento de recibir asistencia.

Descriptor: Sordera. Pérdida Auditiva. Atención de Enfermería. Atención Integral de Salud. Enfermería

Introdução

A linguagem é imprescindível na formação do pensamento e do caráter humano, permitindo ao indivíduo estruturar e traduzir o que sente, registrar o que conhece e comunicar-se com outras pessoas. Marca o ingresso do homem na cultura, relaciona e transmite seus conhecimentos construindo-o como um sujeito capaz de produzir transformações⁽¹⁾.

Nesse sentido, entende-se que a comunicação é uma necessidade humana básica e a surdez pode ser uma condição que causa adversidades e barreiras no processo de socialização. A pessoa surda pode ter a linguagem comprometida pela interpretação dos sujeitos envolvidos no diálogo⁽²⁾.

De acordo com estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS), o Censo Demográfico de 2019 realizou a Pesquisa Nacional de Saúde, que apontou que 6,2% da população brasileira tem algum tipo de deficiência, sendo auditiva, visual, física e intelectual. A surdez atinge em torno de 1,1% desse público. Cerca de 0,9% adquiriu a deficiência auditiva por doença ou acidente e 0,2% a possuía desde o nascimento. Sendo assim, 20,6% da população com deficiência auditiva apresentou grau intenso ou muito intenso de limitações ou não conseguia realizar as atividades habituais e 8,4% dessa população já frequentava algum serviço de reabilitação⁽³⁾.

A linguagem utilizada pelos surdos é a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e foi regulamentada pelo Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005⁽⁴⁾. É uma língua de modalidade gestual visual, com estrutura gramatical própria, na qual os surdos utilizam as mãos, em combinação com

braços, tórax, cabeça, e abordam qualquer tipo de assunto.

A Libras é reconhecida como um instrumento fundamental para a comunicação e educação dos surdos, possibilitando inclusão e independência não apenas para surdos, mas para todos que fazem parte do seu convívio. O aprendizado da Libras, se iniciado precocemente, possibilita às crianças surdas maior rapidez e naturalidade na exposição de seus sentimentos, desejos e necessidades, a estruturação do pensamento e da cognição e ainda uma interação social, ativando o desenvolvimento da linguagem⁽¹⁾. Com isso, a comunicação visual torna-se essencial, tanto para o aprendizado da língua portuguesa oral quanto para a aquisição da língua de sinais.

Em nosso meio, a Libras ainda é pouco difundida. Tendo em vista a comunicação ser uma ferramenta imprescindível em todos os tipos de relações, em se tratando de uma pessoa surda, muitas vezes existem barreiras nesse processo que podem comprometer a interação entre o usuário de um serviço de saúde e alguns profissionais.

Na inclusão social referente ao atendimento aos surdos nos serviços da área de saúde, e no âmbito das práticas de cuidar, é importante enfatizar que a dificuldade de relacionamento com os surdos não é geral, pois alguns profissionais tentam aprender maneiras de relacionar-se eficazmente, no intuito de proporcionar o bem-estar e transmitir maior confiança, estabelecendo-se como fator essencial de qualidade nos serviços prestados. Entretanto, ainda são necessárias estratégias a

serem adotadas pelos estabelecimentos de saúde com vistas à assistência integral do surdo, facilitando o atendimento dos profissionais às suas reais necessidades⁽²⁾.

Um estudo, que realizou entrevistas com profissionais de enfermagem, afirmou que todos os 20 entrevistados relataram ter prestado assistência a usuários surdos durante sua vida profissional sem saberem Libras. Relataram ainda, em suas falas, dificuldade de comunicação com o usuário surdo, realizando a utilização de outros sentidos, como os gestos, a escrita e a leitura labial no atendimento, resultando, assim, na falta de uma comunicação efetiva entre o profissional e o usuário⁽⁵⁾. Para isso, os profissionais precisam estar aptos para interagir com o paciente, o qual deverá ser orientado corretamente acerca de sua patologia e das suas restrições, preparando-se assim para o problema, para poder cuidar-se e melhorar seu quadro clínico.

O profissional pode desenvolver com o paciente o uso do olhar, saber esperar que a pessoa olhe para ela; apontar para o objeto, para o acontecimento ou para a pessoa com quem se fala. A afeição, o carinho e a amizade também são componentes primordiais e fundamentais no diálogo e na interação⁽¹⁾.

O presente estudo busca justificar e conhecer as percepções dos surdos na assistência à saúde. Almeja-se contribuir com a qualidade do atendimento, beneficiando o trabalho das equipes de enfermagem, para que tenham um novo olhar em relação às questões que envolvem o cuidado da pessoa com surdez.

Nessa perspectiva, a inclusão do surdo na assistência à saúde e a assertividade na comunicação com a equipe de enfermagem é essencial para conhecer as pessoas que ali se encontram, favorecendo a troca de informações e compreensão para ambas as partes. Portanto, a comunicação é uma ferramenta de fundamental importância na assistência à saúde, mas, para isso, torna-se significativo que os profissionais encontrem as melhores formas de comunicação com os pacientes, podendo ser pela utilização da Libras na conversação direta, pela escrita, pela leitura labial, pela presença de um intérprete para tradução, por gestos, visando favorecer o atendimento. Diante desse contexto, este estudo tem por problemática saber

qual é a percepção dos surdos perante a comunicação diante da assistência à saúde. Mediante o exposto, esta pesquisa objetiva apreender as percepções de surdos quanto à comunicação diante da assistência à saúde.

Método

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tipo descritiva⁽⁶⁾. Para garantir a qualidade da redação foi utilizado o protocolo *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ)⁽⁷⁾. A pesquisa foi desenvolvida por contato com uma entidade filantrópica de Associação de Pais e Amigos dos Surdos (APASSA), localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, que visa assistir, orientar e integrar surdos na sociedade mediante a diminuição de barreiras de comunicação e inclusão que a comunidade surda enfrenta no cotidiano.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 6% da população da cidade onde a sede da associação está localizada possui deficiência auditiva, isto é, 4.345 pessoas. Pelo cadastro da APASSA, estão associadas 128 pessoas surdas e, destas, 65 são usuárias da Libras⁽⁸⁾.

O primeiro contato com a APASSA ocorreu com a coordenadora para apresentação do projeto de pesquisa e solicitação da autorização para sua realização. Após a aprovação para desenvolver a pesquisa, esta foi apresentada em uma reunião on-line para os participantes do grupo, com tradução simultânea para Libras. Ao término da explanação, foi solicitado aos participantes da reunião que tivessem interesse em integrar a coleta de dados que fizessem menção. Foram agendadas entrevistas com os participantes do grupo, conforme a disponibilidade de cada um.

Foram considerados como critérios de inclusão: ser surdo, ser usuário da Libras, ter recebido atendimento por uma equipe de enfermagem na atenção básica ou hospitalar durante a vida, e aceitar assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram considerados como critérios de exclusão os participantes do grupo que não estiverem presentes no período previsto para a coleta de dados.

Para a coleta dos dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada on-line, realizada em

horário acordado entre o pesquisador, o participante e duas intérpretes de Libras, no dia 21 de setembro de 2020, turno da tarde. Foi utilizado um roteiro para coleta de dados sociodemográficos, sendo considerados idade, sexo, estado civil e escolarização. Foram realizadas perguntas semiestruturadas sobre a vivência ante a assistência de enfermagem e a comunicação verbal e não verbal utilizadas durante a assistência à saúde. As entrevistas foram gravadas digitalmente com autorização dos entrevistados e transcritas, na íntegra, para realização da análise.

Os dados foram transcritos e devolvidos aos participantes para comentários e correções antes da análise, mantendo-se a construção gramatical característica das expressões dessas pessoas. Posteriormente, os dados foram analisados segundo o método de análise de conteúdo temática. Após a coleta, as informações foram transcritas na íntegra e, posteriormente analisadas com a técnica de análise de conteúdo: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação⁽⁹⁾. Utilizou-se como apoio o *software* NVivo que auxilia a refletir em quantidade e intensidade a multidimensionalidade e aprofundamento dos resultados⁽⁹⁾.

Foram asseguradas as exigências éticas e científicas preconizadas para pesquisas envolvendo seres humanos, mediante a Resolução n. 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde⁽¹⁰⁾. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o Parecer n. 4.046.205. Todos os participantes da pesquisa assinaram o TCLE on-line e a instituição coparticipante autorizou formalmente a realização da pesquisa.

Para apresentação dos resultados foram adotadas codificações específicas, para que se remeta aos diferentes participantes do estudo com assegurada confidencialidade das informações prestadas. Foram identificados como Participante 1 (P1), Participante 2 (P2), e assim sucessivamente.

Resultados

A pesquisa contou com a participação de quatro surdos, sendo dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, na faixa etária entre 22 e 25 anos. Dois entrevistados relataram ser solteiros

e os outros dois possuíam união estável. No que se refere à escolaridade, um participante tinha ensino médio completo, dois cursavam ensino superior e o quarto participante possuía ensino superior completo e frequentava o segundo curso de graduação.

Em se tratando do domínio da Libras, os quatro participantes tiveram seu primeiro contato com a língua na infância (entre três e cinco anos), sendo que todos iniciaram a aprendizagem na educação infantil, na qual aprenderam o básico e depois foram aperfeiçoando com novos sinais e com a evolução do processo de comunicação.

As entrevistas foram organizadas em três categorias, que permitiram estruturar os dados coletados e denominá-las: Percepções dos surdos sobre a assistência à saúde; Percepções dos surdos sobre a assistência de enfermagem; e Presença da família dos surdos na assistência à saúde.

Percepções dos surdos sobre a assistência à saúde

Além das dúvidas em relação à própria saúde, o surdo enfrenta a escassez de informações durante a realização de procedimentos, o que pode intensificar sua insegurança e medo ao frequentar os serviços de saúde para receber um atendimento, ou, até mesmo, pode levar a pessoa a não procurar algum serviço de saúde, pela lembrança de falha no acolhimento, o que potencializa sentimentos negativos relacionados à expectativa de não se fazer entender para alcançar um objetivo, a saúde.

Na árvore de palavras (Figura 1), criada com as falas dos entrevistados, pode-se observar alguns trechos das falas dos participantes em relação ao atendimento. A árvore foi montada com a palavra *atendimento* na centralidade, por esta ter sido utilizada pelos participantes como sinônimo de assistência à saúde durante as entrevistas.

Figura 1 – Árvore de palavras formada pelos participantes da pesquisa acerca do atendimento nos serviços de saúde em uma cidade do sul do Brasil



Fonte: elaboração própria.

A população surda tem acesso e acolhimento na assistência de saúde de forma diferente das pessoas ouvintes, visto que ela se comunica por meio da linguagem visuoespacial e apresenta características culturais próprias. Com isso, pode-se observar a saliência dos sentimentos e a falta de informação dos surdos em relação à assistência que lhes foi prestada:

Às vezes também me sinto insegura pela acessibilidade, pela questão de não saber medicamento, fico sempre em dúvida nessa parte porque eu não tenho o entendimento do que foi passado ali no receituário, então fico um pouco sensível em relação a isso de não ter essa segurança [...] me sinto um pouco excluída, me sinto diferente dos ouvintes, sei que sou uma cidadã e uma pessoa como todos os outros e às vezes me acho uma palhaça em alguns espaços e lugares por não ter essa acessibilidade, então me sinto realmente excluída. Às vezes fico com muitas dúvidas de como vai ser e fico realmente insegura. (P4).

Não se tem uma comunicação clara, não se entende a questão do próprio histórico da doença, enfim, pode ter até a questão do remédio também, o próprio cuidado, e se não houver uma comunicação clara, não se tem reflexos muito significativos na vida das pessoas. (P3).

[...] é importante os profissionais saberem um pouco de Libras ou chamarem uma intérprete de Libras para poder fazer o acompanhamento. (P1).

Essas falas refletiram a dificuldade de acesso a serviços de saúde de maneira geral, no qual os participantes expuseram fatores negativos que se condicionam como obstáculos para acessar os serviços públicos de saúde, fazendo com que seus direitos possam ser comprometidos, principalmente quanto às informações do seu diagnóstico ou do seu tratamento.

Uma situação que pode ser refletida pelos profissionais de saúde é a inclusão do público atendido em consultórios e clínicas com o planejamento para a possível recepção de paciente com surdez, como é demonstrado na fala que segue:

Por exemplo, a questão de chamar a pessoa e o surdo não está ouvindo, não adianta ficar gritando lá. Na questão do atendimento é a primeira coisa a se pensar, é na acessibilidade, porque daí não tem muito o que o surdo fazer, ele vai perder horas ali, porque tem que sempre lembrar que o surdo é visual, então tudo o que ele for fazer é visual [...] as pessoas ficam com medo de acreditar no que o surdo está falando, até ligaram para minha mãe quando fui ao dentista porque ficaram preocupados por eu estar sozinha. (P4).

Percepções dos surdos sobre a assistência de enfermagem

A assistência de enfermagem foi um dos temas principais desta pesquisa, porém foi possível

perceber pelo levantamento dos termos mencionados com maior frequência pelos participantes que estes exploraram pouco a enfermagem (Figura 2).

Figura 2 – Nuvem de palavras formada pelas palavras utilizadas com maior frequência pelos participantes da pesquisa



Fonte: elaboração própria.

Observa-se a saliência dos termos *comunicação*, *Libras*, *atendimento*, *difícil*, *pessoas* e *informações*. Esses vocábulos resumem de maneira bem evidente o que foi declarado pelos participantes sobre a assistência que eles obtiveram durante sua trajetória de vida. Assim, as palavras Libras e comunicação, que foram as mais frequentes nas falas, revelaram que estas são consideradas importantes na relação com a assistência à saúde. Os participantes do estudo foram unânimes em descrever como é a assistência prestada pelos profissionais de enfermagem durante os atendimentos:

Referi até que estava doendo a inserção do medicamento e a enfermeira continuava a realizar a administração mesmo eu fazendo sinal de dor com sinais. É muito difícil essa questão de comunicação nesses ambientes. (P2).

O prejuízo que uma medicação pode trazer na vida da pessoa, a questão da acessibilidade nos locais para o surdo, como até mesmo a questão de plaquinbas. A enfermagem tem que ter muita paciência, porque a pessoa surda às vezes acaba ficando nervosa e estressada por não ser entendida. (P3).

Foi relatado ainda que se percebe a comunicação difícil e que os enfermeiros podem avaliar cada portador de surdez como um indivíduo que

possui necessidades comunicacionais específicas, como é possível identificar, na fala a seguir, a tentativa do uso de um aplicativo pelo celular por um profissional da enfermagem durante um atendimento, para que houvesse a compreensão por ambos os lados efetivamente:

Uma vez que estive internada, só um enfermeiro que baixou um aplicativo para poder se comunicar, isso depois de alguns dias que eu já estava internada, daí ele tentava usar a comunicação mostrando. Primeiro ele usou a escrita, depois ele descobriu que tinha esse aplicativo para usar, eu entendia um pouco, era difícil igual, mas já auxiliava. (P2).

Presença da família dos surdos na assistência à saúde

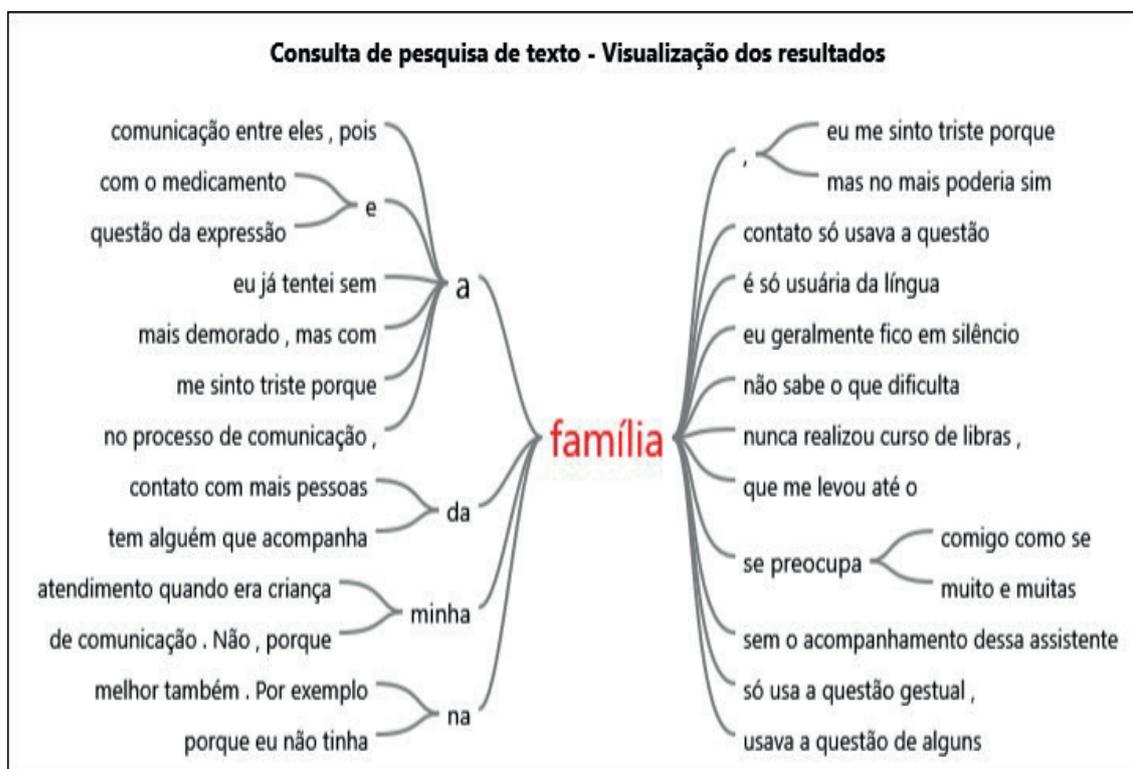
No que se refere à comunicação no seu ambiente familiar, um participante relatou que nenhum integrante da sua família sabe se comunicar em Libras, os outros dois participantes relataram que sua mãe possui conhecimento básico em Libras, já a mãe do quarto participante possui conhecimento fluente em Libras, por ser

intérprete. Os participantes mencionaram ainda que os demais familiares não têm conhecimento sobre a linguagem, não dialogam e não interagem de forma efetiva com o surdo e, assim, a comunicação fica restrita.

Segundo os participantes, os atendimentos à saúde são realizados junto com algum familiar ou parceiro do cuidado. Contudo, não obstante a presença desse acompanhante ser importante,

essa ajuda não garante a privacidade e autonomia desse sujeito e, muitas vezes, pode haver a impossibilidade de sucesso na transmissão de informações, o que pode mudar o significado do conteúdo da comunicação. Na árvore de palavras (Figura 3) pode-se verificar algumas falas dos participantes a respeito da presença de acompanhantes durante a assistência à saúde.

Figura 3 – Árvore de palavras formada pelos participantes acerca da presença da família na assistência à saúde



Fonte: elaboração própria.

Por meio da construção da árvore de palavras, identificou-se a diversidade nas interpretações sobre a presença de familiares durante a assistência à saúde, com uma interpretação ambígua na busca de equilíbrio entre a necessidade da presença da família e a busca de sua própria autonomia. Verificou-se ainda a presença da figura materna nas falas:

Eu sempre vou acompanhado da mãe nesses locais e a mãe que conversa com o médico e eu fico sem me comunicar. Daí e geralmente é a minha mãe que fala o que eu estou sentindo, mas, de fato, não se sabe se é aquilo que eu estou sentindo ou não, aí é como se fosse uma consulta da minha mãe com o médico. (P1).

Se a minha mãe não vai junto e eu estou doente, como é que eu vou fazer para poder falar o que eu estou sentindo? (P3).

Muitas vezes, o familiar ouvinte pode não permitir que o surdo participe ativamente da conversa, pois é ele quem está relatando ao profissional de saúde e recebendo as orientações, não permitindo que o próprio surdo consiga explicar o seu quadro de saúde e tenha a oportunidade de expor suas dúvidas. Conseqüentemente, a assistência recebida pelo surdo pode ser traduzida por descaso e desinteresse dos profissionais com sua situação de saúde.

Discussão

Sobre a assistência à saúde, pode-se destacar que está diretamente vinculada às relações interpessoais, a qual fornece uma ligação que será construída desde a primeira consulta com o paciente e mantida até o momento da realização de procedimentos e orientações, o que favorece uma boa acessibilidade durante os atendimentos.

Atualmente, a pessoa surda não recebe atendimento hospitalar ou de saúde primária de maneira adequada e satisfatória, com índices de frustrações e falta de resolutividade⁽⁵⁾. Algumas mudanças são capazes de transformar a experiência do surdo nos serviços de saúde, acolhendo-o dentro do sistema de saúde, de maneira humanizada, e diminuindo a marginalização enfrentada em meio a uma sociedade constituída em torno do indivíduo ouvinte.

Nessa perspectiva, as instituições de saúde podem implementar estratégias que visem ações de acessibilidade e inclusão social, para promover a autonomia dos surdos. Vale salientar que a autonomia e a igualdade estão entrelaçadas. Para que um indivíduo tenha autonomia, ele deve estar em igualdade com a sociedade na qual está inserido, tendo oportunidades oferecidas de modo adaptado às suas necessidades especiais. No caso dos surdos, a barreira da comunicação com os profissionais de saúde, por exemplo, influencia negativamente no cuidado recebido, bem como no preparo desses indivíduos para o autocuidado⁽¹¹⁾.

Um estudo que teve como objetivo realizar uma revisão integrativa de literatura sobre a relação entre médicos e pacientes surdas do sexo feminino identificou que a principal dificuldade na assistência médica durante o ciclo gravídico-puerperal é a acessibilidade e a comunicação. Os seis trabalhos analisados no estudo apontaram para o desconhecimento dos médicos sobre Libras. Ressaltou ainda a urgência para o aperfeiçoamento dos profissionais de saúde que interagem com pessoas surdas com relação à inclusão, comunicação efetiva e respeito aos direitos⁽¹²⁾.

A não inclusão de Libras na formação dos profissionais da saúde foi destacada como uma

lacuna em uma publicação que teve como objetivo identificar métodos de comunicação utilizados para atendimento aos surdos nos serviços de saúde, investigar o vínculo entre os surdos e os profissionais da saúde e as percepções dos surdos quanto ao acolhimento nos serviços de saúde. O estudo sugere a implementação de Libras como disciplina obrigatória, o que vai ao encontro do que é prezado na legislação e na formação dos profissionais de saúde no que se refere à igualdade, respeito e resolutividade⁽¹³⁾.

Diante disso, é possível perceber que a falta de comunicação entre o surdo e os profissionais de saúde gera, por momentos, insegurança e insatisfação. A comunicação fica comprometida, pois o surdo não consegue expressar apenas pelo gestual sua condição de saúde, e o profissional de saúde pouco interage de forma clara e de maneira eficiente, para dar visibilidade ao cuidado que irá prestar, quando o surdo está desacompanhado e/ou o profissional de saúde desconhece Libras.

Uma pesquisa, publicada em 2020, reforça que para assegurar a real acessibilidade do usuário surdo aos serviços de saúde, em todos os níveis de atenção, é contundente que seja feito um planejamento multimodal, com incentivo ao desenvolvimento de competência em Libras, contratação de intérpretes qualificados para a assistência em serviços de saúde, inclusão e familiarização com tecnologias digitais para interpretação/tradução entre a Libras e o português⁽¹⁴⁾.

Contudo, embora a presença de um intérprete seja valorizada, existem ressalvas quanto à confiança, disponibilidade, constrangimentos e exposições diante de outra pessoa que não seja o profissional de saúde. Entende-se que o vínculo ocorre quando o cliente se sente compreendido, em uma escuta sem intermediários, e que a presença do intérprete melhora, mas não contribui totalmente para a inclusão social do surdo⁽¹⁵⁾.

Ao narrarem as percepções ante a assistência de enfermagem, os participantes não apenas transmitiram informações, mas também permitiram captar sua visão sobre os atendimentos que lhe foram prestados, sendo identificado que eles não diferiram enfermeiros de técnicos em enfermagem nos ambientes de assistência em

que estiveram. A equipe de enfermagem ainda está, em sua maioria, despreparada para atender a população com necessidades especiais, o que interfere diretamente na qualidade do cuidado. Pode-se refletir que esse despreparo potencializa a não valorização e o reconhecimento da figura do enfermeiro nos espaços de saúde por parte do deficiente auditivo ou surdo⁽¹⁶⁾.

Tendo em vista que a assertiva comunicação é favorecida pelo estabelecimento de um elo entre o profissional de saúde e a pessoa surda, foi possível destacar, nas falas dos participantes, os obstáculos predominantes enfrentados pelos surdos sobre a assistência à saúde. Verificou-se a inexistência de intérpretes nos serviços de saúde e a não utilização da língua de sinais pelos profissionais de enfermagem, dados que corroboram estudos já publicados⁽¹⁷⁻¹⁸⁾.

Quanto ao uso de estratégias e ferramentas de comunicação que possam ser utilizadas durante a assistência de enfermagem de uma forma adequada para os portadores de surdez, poucos profissionais utilizam ou sabem da existência dessas ferramentas comunicacionais disponíveis⁽¹⁶⁾. Os aplicativos lançados para auxiliar os surdos na comunicação com ouvintes trazem diversos benefícios, facilitam principalmente a comunicação e o entendimento entre ambas as partes.

Para o profissional enfermeiro, a dificuldade enfrentada na comunicação com o surdo é desafiante, principalmente quando levado em conta a dinâmica de trabalho baseada na comunicação efetiva, na confiança, na troca de informações pertinentes aos cuidados diretos, especialmente na necessidade de um conhecimento minucioso da história de saúde e doença desses indivíduos⁽⁵⁾.

O enfermeiro deve estar preparado, atualizado e, acima de tudo, disposto ao enfrentamento de adversidades, servindo de suporte, fornecendo informações adequadas, sugerindo possibilidades para encaminhar o surdo para os serviços necessários, caso haja necessidade, na busca de uma boa interação com esses pacientes⁽¹⁶⁾.

Nessa perspectiva, evidencia-se que a assistência que o surdo recebe por parte da equipe de enfermagem não se assemelha ao que lhe é de direito por lei. Nesse contexto, enfatiza-se

o direito de participar na tomada de decisões sobre sua saúde, direito à informação atualizada, relevante e compreensível sobre seu diagnóstico, tratamento e prognóstico, conhecer a identidade dos médicos, enfermeiros e demais envolvidos em seus cuidados, inclusive estudantes, ou o direito de ter intérprete quando seu idioma não é entendido. Somente após sanar-se os quesitos citados anteriormente, vamos poder dizer que se oferece suporte para as intervenções de saúde e de enfermagem ao surdo⁽¹⁹⁾.

As entrevistas possibilitaram a percepção de que, quando a comunicação não verbal não ocorre, constrói-se uma barreira que dificulta o estabelecimento de vínculo entre o surdo e o profissional de enfermagem. Para superar esse empecilho são necessárias algumas adaptações por parte dos profissionais na área da enfermagem, como a apropriação do uso da Libras, a presença ou referência de acesso para um intérprete da Libras na assistência e a disposição para pensar sobre a situação visando mediar de forma resolutive. Essas são medidas que potencializam a efetiva comunicação e a promoção da assistência humanizada e integral para com o surdo. Ainda, no que tange às barreiras para uma comunicação assertiva, um estudo reflexivo que teve como objetivo dissertar sobre os entraves vivenciados pela população surda durante a pandemia de COVID-19, ressaltou que, durante a prestação de assistência à saúde da pessoa surda, as máscaras faciais foram utilizadas, como bem se sabe pela saúde e prevenção de toda população. A máscara foi uma aliada no enfrentamento da COVID-19, entretanto impedia a leitura labial e a visualização de expressões faciais, essenciais para a comunicação com a pessoa surda. Uma estratégia utilizada para esse entrave foi a utilização de máscaras transparentes durante o atendimento ao usuário surdo⁽²⁰⁾.

Outro ponto impactante na comunicação com a pessoa surda, plausível de discussão, é saber-se que, apesar da escrita ser uma forma comum de comunicação entre a pessoa surda e os profissionais de saúde, esta não é a melhor maneira de fornecer informações. A Libras têm sintaxe própria, a ordenação das palavras nas

frases pode se distinguir da modalidade oral e permite acessibilidade à linguagem técnica de comunicação, o que facilita a assistência à saúde individual e coletiva⁽²¹⁾.

Torna-se fundamental que o profissional de saúde possa auxiliar a família no enfrentamento da situação, bem como estimular o crescimento e o desenvolvimento sadio do adolescente surdo, modificando pensamentos negativos, diminuindo a sensação de culpabilidade e atribuindo novos significados à qualidade de vida⁽²²⁾.

O surdo é um indivíduo que também está sujeito ao desenvolvimento de agravos à saúde inerentes a todos os seres humanos, e, em contrapartida, a presença de familiares, ou até mesmo de um acompanhante, possibilita uma interligação com os profissionais de saúde. Pretende-se, nesse contexto, destacar a importância da valorização e do olhar para o paciente, pois, por mais que a comunicação verbal possa ocorrer entre o profissional de saúde e o familiar ou acompanhante, não se deve esquecer que o paciente é capaz de se expressar de várias formas. É necessário trabalhar com a sociedade também, em especial com a comunidade ouvinte, para ter um olhar mais humanizado para com o próximo, para saber respeitar as diferenças que existem entre eles^(19,22).

Os pais desenvolvem percepções e significados diferentes quanto à deficiência auditiva do seu filho, construídas ao longo de sua relação com o mundo. Os cuidados familiares são necessários para dar sustentação e inserção no ciclo de vida familiar do surdo, favorecendo o desenvolvimento humano à medida que proporcionam afeto, proteção e segurança dentro do acolhimento e do espaço de inclusão.

Alguns pais costumam adquirir conhecimento e métodos especiais de comunicação para interagir com seus filhos surdos. É na família que se inicia o processo de inclusão e integração, que se desenvolve gradativamente no decorrer dos dias, começando por uma nova língua, sendo ela pelo meio da Libras e/ou da leitura labial. Por mais diferente ou difícil que seja o processo de adaptação, é algo que requer persistência na família e nos demais espaços sociais.

A presença da família de surdos na assistência à saúde é constante e, na maioria dos casos, o familiar que o acompanha conhece suas necessidades e pode se voluntariar para interpretar e mediar a comunicação, tendo em vista a dificuldade entre os profissionais de saúde e os usuários surdos. Nesse ínterim, a prática de ter um acompanhante é corriqueira para a assistência à saúde, tornando-se uma estratégia essencial de comunicação utilizada como um auxílio.

A participação da família, que acompanha a transição de cuidado e o processo de desenvolvimento, tanto linguístico, discursivo, cognitivo, emocional e social, torna-se fundamental, e os familiares podem ser sensibilizados quanto à importância da comunicação entre ambos, uma vez que, por meio da Libras, esse diálogo pode fluir de maneira satisfatória e, assim, tornar o convívio mais fácil e agradável^(2,23).

O estudo apresentou algumas limitações, entre essas, ter se desenvolvido, em meio à pandemia de COVID-19, por interação digital, e em uma única instituição, porém, os participantes já estavam habituados a conversar com as intérpretes que auxiliaram na pesquisa, facilitando o seu desenvolvimento.

Este estudo contribui com a comunidade científica por possibilitar visibilidade sobre as percepções de surdos quanto à comunicação diante da assistência à saúde e impulsiona discussões referentes ao acesso e acolhimento na assistência de saúde diferente das pessoas ouvintes, a necessidade da presença da família, a busca de autonomia e a utilização da comunicação escrita com surdos. Potencializa ainda ressaltar para a enfermagem que os surdos precisam de um olhar mais apurado desses profissionais quando realizam a busca pelo atendimento de suas necessidades humanas básicas.

Considerações Finais

Esta pesquisa possibilitou apreender as percepções de pessoas surdas quanto à comunicação na assistência à saúde, ante a assistência da equipe de enfermagem e no que tange à participação de familiares nas situações de atendimento. Diante

desse panorama, a realização deste estudo foi importante e oportuna.

Acredita-se que implica na prática da equipe de saúde saber que a comunicação escrita, apesar de ser a mais corriqueira, não é a melhor maneira de fornecer informações. A equipe de saúde pode atentar para o fato de que, apesar da pessoa surda estar acompanhada para um atendimento, pode ser que, durante a assistência, ela não queira a presença de um terceiro. A presença de um familiar ou acompanhante durante a assistência à saúde pode ser ou não confortável ao surdo, pois essa presença pode causar frustração pela falta de independência, trazendo constrangimento em relação às informações pessoais compartilhadas.

Observa-se que, apesar das leis e decretos existentes, ainda há empecilho na interação com o enfermeiro, o que requer aptidão desses profissionais para atender as pessoas surdas, de modo a favorecer a interação entre paciente e profissional, para que aconteça um atendimento satisfatório para ambas as partes.

A discussão da assistência à saúde, como fator de inclusão social, não se encerra neste estudo, mas aponta para a necessidade de novas pesquisas que sensibilizem e esclareçam profissionais de saúde para melhor atender a pessoa surda. Além da utilização da Libras, pode-se pensar na formação dos profissionais de saúde e na sensibilização da família da criança surda sobre questões que vão além das Libras, que seja oportunizado que o indivíduo surdo seja respeitado na busca de autonomia e inclusão.

Publicações sobre a assistência de enfermagem prestada ao surdo ainda são escassas. Sugere-se a execução de mais pesquisas sobre o tema que possam auxiliar tanto a atuação técnica quanto a gestão dos cuidados de enfermagem. São necessários estudos contínuos e aprofundados devido à complexidade do tema e impacto na sociedade, voltados para a pessoa surda, familiares, acompanhantes e profissionais de saúde, especialmente enfermeiros, pela proximidade no cuidado.

Colaborações:

1 – concepção e planejamento do projeto: Caroline Augusti dos Santos e Vivian Lemes Lobo Bittencourt;

2 – análise e interpretação dos dados: Caroline Augusti dos Santos, Liciara Daiane Zwan e Vivian Lemes Lobo Bittencourt;

3 – redação e/ou revisão crítica: Caroline Augusti dos Santos, Alessandra Frizzo da Silva e Vivian Lemes Lobo Bittencourt;

4 – aprovação da versão final: Vivian Lemes Lobo Bittencourt.

Conflitos de interesse

Não há conflitos de interesse.

Referências

1. Bruno MMG. Educação infantil: Saberes e práticas da inclusão: Dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência visual [Internet]. 4. ed. Brasília (DF): Ministério da Educação; 2006 [cited 2023 May 3]. Available from: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/deficienciavisual.pdf>
2. Marquete VF, Teston EF, Souza RR, Vieira CL, Fischer MMJB, Marcon SS. Desafios do cuidado a pessoas surdas vivenciados por familiares ouvintes: estudo exploratório. Online braz j nurs [Internet]. 2019 [cited 2023 May 23];18(3). Available from: http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/6212/html_2
3. Brasil. Ministério da Saúde. Coordenação Geral de Saúde da Pessoa com Deficiência. Censo Demográfico de 2020 e o mapeamento das pessoas com deficiência no Brasil [Internet]. Brasília (DF); 2019 [cited 2023 May 23]. Available from: <https://gedh-uerj.pro.br/documentos/censo-demografico-de-2020-e-o-mapeamento-de-pessoas-com-deficiencia-no-brasil/>
4. Brasil. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 [Internet]. Diário Oficial da União. Brasília (DF); 2005 [cited 2023 May

- 10]. Available from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm
5. Soares IP, Lima EMM, Santos ACM, Ferreira CB. Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo. *Rev baiana enferm* [Internet]. 2018 [cited 2023 Apr 23]; 32:e25978. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-977310>
 6. Minayo MCS, organizadora. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade – Série Manuais Acadêmicos*. Petrópolis: Vozes; 2016.
 7. Souza VRS, Marziale MHP, Silva GTR, Nascimento PL. Translation and validation into Brazilian Portuguese and assessment of the COREQ checklist. *Acta Paul Enferm*. 2021;34:eAPE02631. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>
 8. Rio Grande do Sul. Prefeitura Municipal de Santo Ângelo. Projeto de Lei Nº 52, de 15 de maio de 2014. Autoriza o Município firmar Convênio com a Associação de Pais e Amigos dos Surdo Santo Ângelo – APASSA [Internet]. Santo Ângelo; 2014 [cited 2024 Jul 11]. Available from: <http://www.camarasa.rs.gov.br/files/pls/2014/07/1298.pdf>
 9. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. Edição revista e atualizada. Campinas (SP): Autores Associados; 2020.
 10. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466/2012, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos [Internet]. Brasília (DF); 2012 [cited 2024 Jul 10]. Available from: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
 11. Souza VD, Hoeckele AG, Borim MLC, Christinelli HCB, Costa MAR. Percepção de surdos sobre o atendimento nos serviços de saúde. *Braz J Develop*. 2020;6(8):55347-56. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-091>
 12. Leal AC, Braga BA, Gomes IS, Borges JAR, Rodrigues RP. O atendimento médico de pacientes surdas: uma revisão integrativa. *Braz J Hea Rev*. 2024;7(1):1425-39. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n1-108>
 13. Pires HF, Almeida MAPT. A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. *Rev Enferm Contemp*. 2016;5(1):68-77. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v5i1.912>
 14. Pereira AAC, Passarin NP, Nishida FS, Garcez VF. “Meu Sonho É Ser Compreendido”: Uma Análise da Interação Médico-Paciente Surdo durante Assistência à Saúde. *Rev bras educ médica*. 2020;44(4):e121. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.4-20200028>
 15. Chaveiro N, Barbosa MA. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. *Rev esc enferm USP*. 2005;39(4):417-22. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342005000400007>
 16. Sanches ICB, Bispo LP, Santos CHS, França LS, Vieira SNS. O papel do enfermeiro frente ao paciente surdo. *J Nurs UFPE online*. 2019;13(3):858-62. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i03a238964p858-862-2019>
 17. Santos AS, Portes AJF. Perceptions of deaf subjects about communication in Primary Health Care. *Rev Latino-Am Enferm*. 2019;27:e3127. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2612.3127>
 18. Rezende RF, Guerra LB, Carvalho SAS. Satisfaction of deaf patients with the health care. *Rev CEFAC*. 2020;22(5):e8119. DOI: [10.1590/1982-0216/2020258119](https://doi.org/10.1590/1982-0216/2020258119)
 19. Silva MAG. O enfermeiro e a equipe de enfermagem no atendimento a deficientes auditivos: Revisão sistemática da literatura. *Rev UNILUS Ensino Pesq* [Internet]. 2019 [cited 2024 Jul 10];16(42):209-15. Available from: <http://revista.lusiada.br/index.php/ruep/article/view/1108>
 20. Correia LPF, Ferreira MA. Health care of deaf persons during coronavirus pandemics. *Rev Bras Enferm*. 2022;75(Suppl 1):e20201036. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1036>
 21. Brasil. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) [Internet]. Diário Oficial da União. Brasília (DF); 2015 [cited 2024 Jul 10]. Available from: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm
 22. Thomaz MM, Milbrath VM, Gabatz RIB, Freitag VL, Vaz JC. Acessibilidade do adolescente com deficiência auditiva aos serviços de saúde. *Rev Eletr Enferm*. 2019;21:55502. DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v21.55502>
 23. Santos MM, Peradotto BC, Micheletti VCD, Treviso P. Transição do cuidado da atenção terciária para a atenção primária: revisão integrativa da literatura. *Nursing* [Internet]. 2021 [cited 2024 Jul 10]; 25(290):8173-82. Available from: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/2610/3179>

Recebido: 17 de julho de 2023

Aprovado: 03 de agosto de 2024

Publicado: 24 de setembro de 2024



A *Revista Baiana de Enfermagem* utiliza a Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Este artigo é de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC).

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais.

Embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.